

## RITMOS DA ESCRITA MARCADOS PELA VULGARIZAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS NA MÍDIA IMPRESSA: UMA PERSPECTIVA DE LETRAMENTO

Anderson de Carvalho PEREIRA<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
apereira.uesb@gmail.com

**RESUMO:** A partir de uma abordagem discursiva dos estudos sobre letramento, o objetivo deste artigo é mostrar, por meio da análise de cinco recortes extraídos de reportagens publicadas na mídia impressa brasileira, por quais caminhos a presença de conceitos científicos define um ritmo da escrita. Foram privilegiados recortes que não destacavam de forma explícita um conceito científico mobilizado para a construção dos enunciados. Pudemos notar que esta presença não marcada é reconhecida em função de uma posição do intérprete que indicia um jogo de sentido voltado ao apagamento da presença do Outro no discurso para se estabelecer como definidora do ritmo da escrita. Pudemos concluir que este apagamento ratifica as estratégias de fortalecimento da aliança entre discurso científico e discurso jornalístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento. Ciência. Escrita.

## RHYTHMS OF WRITING MARKED BY THE VULGARIZATION OF SCIENTIFIC CONCEPTS IN PRINTED MEDIA: A LITERACY STUDY APPROACH

**ABSTRACT:** Based on literacies studies and discourse analysis approach, this article aims at demonstrating, by a linguistic corpus extracted from mass media, how the effaced marks of scientific concepts sustain the writing cadence. Based on discursive approach of literacy studies and the investigations about the relationship between writing discourse and science discourse, there were selected sequences that not clearly the concept mobilized. We realized that this non-remarkable presence of scientific concepts is recognized by a reader position that evidences a meaning match concerned the effacement of the presence of the Other in the discourse and to define the writing cadence. We conclude that this erasure ratifies strategies for strengthening the alliance between scientific and journalistic discourse.

**KEYWORDS:** Literacy. Science. Writing.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências (Psicologia) pela USP/Ribeirão Preto. Professor Titular da UESB e líder do Grupo de investigação sobre narrativas, práticas letradas e discursos (Grinpraed/CNPq/UESB).

## 1 INTRODUÇÃO

O discurso científico tem força simbólica pela promessa de veracidade em quaisquer realidades possíveis (PÊCHEUX, 1993). O caminho da impessoalidade, indicativa da ausência de singularidade do sujeito, aparece também pelo mito da neutralidade. Somado a isso, o uso que o discurso científico faz da escrita opera por um hermetismo que compõe modos próprios, aparentemente autônomos, de marcarem a presença do Outro no discurso (AUTHIER-REVUZ, 1982, 1998).

O uso de um conceito científico aparece de forma disfarçada na imprensa. No discurso jornalístico, por sua vez, há recobrimentos e disfarces da presença do Outro, na forma de conceitos científicos.

Este texto traz resultados de análise dos modos de interpretação empreendidos por parte da mídia impressa ao fazer uso de aportes em conceitos científicos, independente de uma área específica. Em um primeiro momento, consideramos se tratarem de formas deslocadas a serem detectadas como marca da presença do Outro no discurso. Ocorre que passamos a perceber que esta presença velada indicia um modo de organização dos enunciados, cuja sobreposição é marcada por conceitos que antecipam um lugar do interdiscurso necessário de ser mobilizado pelo sujeito-leitor.

Trata-se, portanto, de considerar indícios que este lugar do imaginário marcado pelo conceito científico mobilizaria no plano da enunciação. A partir desta leitura, propomos uma análise linguística e discursiva em que pressupomos que um ritmo da escrita da imprensa é marcado por um modo da presença não marcada e explícita de conceitos científicos; e que pode ser apreendida por seus corolários de neutralidade, de universalidade e de verdade do discurso científico (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2000; MOIRAND, 2007; PAVEAU, 2003).

A contribuição desta pesquisa é defender que estes mecanismos discursivos fazem uso de conceitos científicos vulgarizados. A presença velada do Outro não depende e não se reduz às marcas explícitas, como vírgulas, aspas, orações coordenadas ou subordinadas, mas guia a leitura por meio de “clivagens subterrâneas” (expressão de PÊCHEUX, 1997b, retomada por GALLO *et al.*, 2004).

Nestas clivagens, notamos o valor do conhecimento científico disfarçado, ocultando o caminho de decifração dos enunciados ao mesmo tempo em que normatizando uma espécie de eixo norteador que constitui um ritmo da escrita.

Por se tratar de marcas analisadas em reportagens veiculadas na mídia impressa, articulamos também a noção de heterogeneidade discursiva e a de alusão discursiva. É disso que vamos começar a tratar. Em seguida, passaremos às noções de ritmo da escrita e às análises.

## 2 ASPECTOS TEÓRICOS

Nossa hipótese é de que nas reportagens analisadas, para o “entendimento” do texto-reportagem, o sujeito-leitor é colocado no lugar de conhecedor do conceito científico em questão. A partir desta constatação, o ponto de partida foi a retomada de reflexões sobre marcas da heterogeneidade discursiva, entendidas como marcas da presença do Outro (AUTHIER-REVUZ, 1998) que compõem a unidade imaginária do texto e do discurso.

Por sua vez, uma discussão sobre o ritmo da escrita que Chacon (1998) realiza, a partir de Authier-Revuz e de outros autores, direcionaram a análise do *corpus* aqui apresentado, por uma perspectiva de marcas de heterogeneidade que definem um ritmo da escrita da mídia impressa.

Um desses definidores é que a marca da voz do Outro, ou seja, aquilo que é mais caro ao discurso científico, aparece no discurso jornalístico sem o compromisso de definição. Ou seja, todas as marcas em itálico, aspas, a citação do sobrenome do autor por meio de paráfrases, não são respeitadas. Trata-se de uma vulgarização científica (AUTHIER-REVUZ, 1985).

A definição de um conceito conforme um determinado autor, entre aspas ou por paráfrase, uma das grandes marcas do controle da interpretação no discurso científico, portanto, aparece de forma deslocada em textos de reportagens. Desta constatação, do disfarce do poderio desta escrita da imprensa resultou, por fim, a necessidade de tratar de letramento, na perspectiva de Tfouni (2010).

Desta forma, analisamos neste trabalho reportagens do cotidiano que não tinham pretensão explícita de discutir um conceito científico específico. Todavia, por meio destes, constroem estratégias de leitura que fazem parecer que o “entendimento claro” (expressão nossa) da reportagem se mostra à revelia do conhecimento sobre aquele conceito específico. Este lugar do imaginário, de expectativa sobre o sujeito-leitor, encaminha nossa questão principal para uma discussão sobre os gestos de leitura e a constituição do sentido na imprensa brasileira, por meio do discurso científico.

Deste modo, coube perguntar: de que forma a presença (não marcada) de conceitos científicos nesta materialidade discursiva incide em gestos de interpretação que também funcionam como marcas do ritmo da escrita? Para isto, utilizamos alguns referenciais da Análise de Discurso pecheutiana (PÊCHEUX, 1993, 1997a, 1997b) e de teóricos contemporâneos do discurso (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2000; MOIRAND, 2007; PAVEAU, 2003) e de estudos brasileiros sobre letramento (CHACON, 1998; TFOUNI, 2010).

Estamos diante de um campo de discussão em que “o científico” e “o literário” (ligado ao efeito metafórico, ao cotidiano, cf. PÊCHEUX, 1997b) colidem para nos permitir analisar de que modo essas formas interdita lugares da interpretação e possibilitariam um giro discursivo, do “literal”, da evidência de transparência do científico, para o interpretativo no cotidiano, porque controlam os furos das evidências das quais se utilizam para definir um ritmo da escrita.

Pêcheux (1997b) alerta que o divórcio no cotidiano entre os gestos de leitura voltados ao âmbito do científico e do literário se intensificaram no século XVIII em função do deslocamento do lugar dos “homens de letras” (cf. PÊCHEUX, 1997b) ou “literatos” (cf. GALLO *et al.*, 2004).

Ao comentar esta questão de leitura e de divisão na leitura do arquivo, Gallo e colaboradores (2004) ensinam que o lugar de intérprete não é apenas ocupado pelas grandes mídias e pela forma de articular suas reportagens à *big data*, mas vem se somando às formas mais sutis do discurso da escrita.

Sobre as estratégias do discurso jornalístico, Gallo e colaboradores (2004, p. 5) apontam que: “No discurso jornalístico, por exemplo, o esquecimento, ou melhor dizendo, o apagamento, se explica pela maneira como esse discurso convoca sentidos pré-construídos”, de modo que “[...] isso significa de certa maneira o impedimento do político, ou uma forma perversa de político” (p. 5).

Esta tentativa de contornar a presença constitutiva do Outro tal como aparece no discurso jornalístico conduziu-nos a refletir sobre como, ao manejar a heterogeneidade discursiva, a imprensa escrita veicula uma “simplificação” de conceitos científicos, de modo que esta “simplificação” (expressão nossa) é utilizada como recurso estratégico que reforça a ilusão de transparência da linguagem.

A questão fica mais complexa, porque consideramos que estas estratégias reforçam a ilusão de transparência do sentido (cf. PÊCHEUX, 1993), visto que se apoiam nestes conceitos científicos simplificados.

Para isto, fizemos uma retomada de pontos decisivos da reflexão sobre a possível articulação entre as noções de heterogeneidade discursiva e de ritmo da escrita (CHACON, 1998), ao também apostar, com base em uma perspectiva discursiva de letramento, que há uma intersecção com a questão do heterogêneo na linguagem; heterogeneidade esta marcada por pistas dispersas, indícios aparentemente lineares, mas decalcados de um jogo imaginário que não deixa de se comprometer eticamente em mostrar o grande poderio da imprensa escrita.

Desta maneira, nosso objetivo principal é responder de que modo o discurso jornalístico aqui analisado apresenta marcas de heterogeneidade e ritmo e distribui sentidos pela força de evidência e de transparência articulada a um efeito de “verdade científica”.

A seguir, trazemos análise de alguns recortes retirados da imprensa escrita que tratam de conceitos científicos ou do legado conceitual de algum grande teórico e/ou cientista. Sem a pretensão de esgotar o debate e encerrar o campo de pesquisa, a análise reconduz questões cruciais a serem debatidas e investigadas em uma sociedade letrada marcada pelo profundo desnível e pela supremacia das tecnologias de informação e dos meios de comunicação de massa diante das práticas languageiras do cotidiano.

## 2.1 AS NÃO COINCIDÊNCIAS DO DIZER: HETEROGENEIDADE SUGERIDA E ALUSÃO DISCURSIVA

Há uma “falha” constitutiva nos processos enunciativos conforme o conceito laciano de imaginário. O desconhecimento, a expectativa e a assertiva do não saber do Outro (interlocutor) lança o dizer em uma “roupagem” em que “as formas de representação

da não coincidência aparecem como manifestando, de um modo que não deriva da intencionalidade, a negociação obrigatória de todo enunciador com o fato das não-coincidências fundamentais que atravessam seu dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 21). No caso que investigamos, a aparência é a veiculação midiática, por marcas rítmicas, e que disfarçam as dúvidas, as incertezas e o desconhecimento de parte do imaginário, constitutivos do conhecimento científico, projetando-lhes uma aparência de linearidade.

Relevante notar que não conseguimos marcar com precisão os limites de interdependência entre a produção do conhecimento científico e sua divulgação. É notória a imbricação entre a ciência, sua legitimidade jurídica e a divulgação e a circulação do conhecimento científico.

Neste enlace, reside um elemento crucial. O apoio em uma rede de sentidos estabelecida tanto pela imprensa quanto pela ciência, nos seus modos de difundir e de ocultar meandros do conhecimento também comprometidos com formas de circulação materializadas em mecanismos da escrita, como da remissão ao Outro, pelo discurso indireto.

Rosier (1999) ensina que o discurso indireto nos remete à Antiguidade Clássica no âmbito da oratória no campo da Retórica, parte de uma formação discursiva especial enviesada ideologicamente. Por sua vez, “a noção de memória permite assim se dar conta de que toda produção linguageira faz circular formulações anteriores, do ‘já dito’, do ‘já-enunciado’” (MOIRAND, 2007, p. 4)<sup>2</sup>.

Em outras palavras, interessa-nos mostrar como o discurso da imprensa se legitima a partir de um uso do discurso indireto que recorta na memória discursiva um modo de apresentar de forma disfarçada o conhecimento científico.

---

<sup>2</sup> No original, em francês : La notion de mémoire discursive permet ainsi de rendre compte du fait que toute production langagière fait circuler des formulations antérieures, du « déjà-dit », du « déjà-énoncé » (tradução livre do autor).

Ao delimitar um campo de possibilidades, consideramos no jogo complexo da interpretação que a intromissão das palavras do Outro abre a fenda da fronteira entre as condições de produção do dizer e as formações imaginárias. Este modo de controle da interpretação pode se dar por alusão e por “heterogeneidade sugerida” (cf. MOIRAND, 2007), que serve tanto para provocar familiaridade no interlocutor (leitor) quanto para provocar deslocamento no “senso comum” (cf. PAVEAU, 2003) e potencializar o lugar de verdade do discurso da imprensa quando, como é o caso aqui analisado, recorre ao conhecimento científico. Voltaremos a isto.

Nas palavras de Moirand (2007, p. 11):

Os discursos das mídias constituem ao mesmo tempo um catalisador do reenvio às memórias soterradas e um elemento motor da construção de uma memória interdiscursiva, sem excluir um outro papel, que não é contraditório: aquele de ser um censor de saberes que se “esquece”, voluntariamente ou não, de “fazer retomar”<sup>3</sup>. (Tradução livre nossa)

Ao analisar os suplementos literários publicados na imprensa, Paveau (2003, p. 414), por sua vez, comenta o valor tácito do sentido no modo do “senso comum” aparecer no discurso jornalístico:

Quanto aos jornalistas dos suplementos literários, eles fundam seus discursos sobre a evidência tácita do compartilhamento do senso comum que se atesta como uma cultura comum. Em todo caso, a reivindicação ou o não consentimento com o senso comum serve de passagem para a verdade afirmada do discurso<sup>4</sup>. (Tradução livre nossa)

---

<sup>3</sup> Les discours des médias constituent à la fois un catalyseur de la remontée des souvenirs enfouis et un élément moteur de la construction d’une mémoire interdiscursive, sans exclure un autre rôle, qui n’est pas contradictoire : celui d’être un censeur de savoirs qu’on « oublie », volontairement ou non, de « faire remonter ».

<sup>4</sup> Quant aux journalistes des suppléments littéraires, ils fondent leur discours sur l’évidence tacite du partage d’un sens commun qui s’avère être une culture commune. Dans tout les cas, la revendication ou le rejet du sens commun sert de passage à la vérité affirmé du discours.

Em suma, como apontam ambas as autoras, o discurso jornalístico disfarça o uso que faz daquilo que é compartilhado pela linguagem no cotidiano, e tenta desta separar-se por mecanismos como o soterramento de parte da memória coletiva, para fazer parecer que o que enuncia é original.

Authier-Revuz (2000), por sua vez, explica que estas são condições de compartilhamento oferecidas pelo próprio texto, mas que também contam com uma “alusividade”<sup>5</sup> interna; e que muitas vezes indica uma modalização autonímica<sup>6</sup>, que se refere a um desdobramento complexo e opaco do dizer na tomada de palavras para se referir a coisas e a objetos.

Este jogo constitutivo e complexo com o Outro, delineado por alusão e por heterogeneidade sugerida, é marcado por formas materiais da língua e por maneiras de se legitimar, como no caso da materialidade do discurso jornalístico e sua maestria em definir um ritmo da escrita ao utilizar o conhecimento científico.

## 2.2 RITMO DA ESCRITA, HETEROGENEIDADE DISCURSIVA E LETRAMENTO: UMA INTERFACE

A principal contribuição de Chacon (1998), para este debate, é tratar o ritmo na produção textual como fato de linguagem, em grande medida devido à noção jakobsoniana de função fática. O autor explica que “a condição necessária de uma unidade rítmica, portanto, é a de ser constituída simultaneamente como som e como sentido, e de ser apreensível em um fluxo linguístico” (CHACON, 1998, p. 20).

---

<sup>5</sup> Neologismo traduzido da expressão “l’allusivité” utilizada pela autora.

<sup>6</sup> Este estudo das estratégias metaenunciativas (comentários, glosas, retomadas) se insere na interface entre sujeito e sentido vista na Psicanálise e nas teorias do discurso; inclui-se neste campo o estudo da modalização autonímica que expressa, concorde Authier-Revuz (1998, p. 16), “fatos metaenunciativos” comprometidos com a “autorepresentação do dizer” e que envolvem um itinerário opaco entre o “sujeito origem” e o “sujeito efeito”.

Os ritmos não se definem pela sintaxe, pela semântica, mas por se tratar de sintagmas sem descrição formal e que configuram discursos em um *continuum*. Dentre os vários recursos, o uso de ponto e vírgula, a simetria, a continuidade/descontinuidade e a pausa definem que “[...] de modo explícito ou sugerido, o ritmo marca-se, pois, na escrita através dos sinais de pontuação” (p. 105); não são níveis (estruturais) que definem o ritmo, mas multidimensionais (semântico e morfossintático); e também coordenação, subordinação, pausa (CHACON, 1998).

Acreditamos que neste plano da constituição de uma unidade rítmica pela sugestão não explícita do sentido, tende a configurar a continuidade dos discursos, de que trata Chacon (1998). Pretendemos demonstrar isso ao mostrar a consolidação de efeitos de sentido em torno do uso reformulado de conceitos científicos pela grande mídia. A pontuação ou a ausência de algumas marcas nas reportagens analisadas torna ainda mais sutil uma presença de um conceito científico.

Nos recortes aqui analisados, este recurso aparenta também estar em dívida com a retomada de informações do passado, uma vez que o sujeito-leitor deverá reconhecer no texto (reportagem) a contribuição científica que o locutor (jornalista) e o enunciador (veículo da imprensa escrita) supõem que ele conheça.

Authier-Revuz (2002) denomina de “pulsação” o ritmo encontrado no modo de fragmentação e junção de enunciados dispostos por formas sintáticas e incisivas (marcadas por adversativas) e afirma que aceitar o ponto incontornável da (não) adequação entre palavras e coisas indica que essas marcas sintáticas, tipográficas e meta-enunciativas em geral concorrem para colocar em cena uma escrita que aparta e impulsiona vozes fatigadas, mas afetadas, provocando choques no dizer.

Este jogo de ocultar e revelar esta “voz do Outro” do conhecimento científico interfere em um ritmo da escrita que se configura por elementos recuperados pela situação

de enunciação que podem estar no contexto mais amplo ou imediato; e que se alternam. Em suma, a enunciação, mais do que dividir a linguagem em unidades de ritmo, insere-as em um “fluxo discursivo” (expressão de CHACON, 1998).

Percebemos, por meio da mobilização destes autores, que a interface entre os estudos sobre heterogeneidade discursiva e o ritmo da escrita é possível desde que comprometida com uma concepção de materialidade linguística, de discurso, de sujeito e de sentido em que as construções de uma continuidade no ritmo e no efeito de linearidade da interpretação se assomam ao poderio da escrita. É este campo que também aparece nos estudos sobre letramento.

Em uma sociedade letrada, conforme Tfouni (2010), a interdição ao código revela a dimensão sociopolítica da escrita materializada nos desníveis de possibilidade de gestos interpretativos. Este modelo de divisão na leitura do arquivo (cf. PÊCHEUX, 1993; GALLO *et al.*, 2004; TFOUNI, 2010) coloca o discurso da imprensa no lugar de distribuidor privilegiado de sentidos.

Os estudos sobre letramento em que nos apoiamos entendem que estes modos de decifração do Outro não estão restritos à escolarização ou aos espaços semanticamente fechados como o da ciência, mas mostram constantemente seu valor sociopolítico no jogo entre possibilidade e reconhecimento da presença do sujeito na linguagem.

Esta assunção do lugar “sujeito a” uma interpretação pelo apagamento de outra, no caso da aliança entre o discurso jornalístico e o científico tem papel de destaque na atual configuração da sociedade letrada. A próxima seção demonstra de que forma a mobilização deste referencial teórico dialogou com a eleição de pistas, de indícios e de recortes que, nos discursos da mídia impressa, indicam este jogo de revelar e de ocultar em que algum conceito científico em questão dá o tom de um ritmo da escrita.

### 3 METODOLOGIA: FORMAÇÃO DO *CORPUS*

Em AD, a formação do *corpus* pode se pautar na leitura cotidiana (trivial) do analista (pesquisador). Foi desta maneira que nos deparamos com textos-reportagens em que se notava a presença disfarçada de algum conceito científico. Esta “busca” decorre do encontro inicial de uma pista que tenha valor discursivo. Este encontro de um indício relevante se aproxima da noção de sujeito na psicanálise lacaniana, noção esta que atravessa o quadro teórico da AD. A este respeito, o indício mobiliza um debate sobre a relação entre verdade e sujeito, de tal modo que faz lembrar Lacan ao comentar o dito de Picasso: “Eu não procuro, acho!” (FONTENELE, 2002, p. 53). Portanto, após achar um recorte da Revista Veja que apontava para este disfarce, buscamos outro em seções afins da mesma revista e também encontramos ao acaso um último caso semelhante, em um *site* (ver recorte 3).

No caso em questão, interessa-nos analisar fragmentos de enunciados organizados em um fluxo discursivo que remetem a conceitos científicos. Estes fragmentos velados aparecem no fio do discurso dando outro valor à construção do ritmo da escrita, de modo a rearranjar a estabilidade do enunciado, ao transformar a alusão a outros enunciados em assertivas semelhantes às premissas do discurso científico.

O movimento de análise que propomos caminha em espiral. Partimos do estranhamento, do incômodo em notar fragmentos conceituais do campo científico no discurso jornalístico, passamos pelo trabalho interpretativo de decalcar este campo conceitual e, ao notar qual poderia ser sua força de evidência, buscamos retornar às “origens” de um dado conceito científico em questão.

Desta forma, coube perguntar de que maneira o discurso da imprensa revela algumas evidências e oculta outras e, a fazer este movimento, intercede no ritmo da

escrita? De modo geral, a proposta de articulação das questões até aqui elencadas resulta de um estranhamento da presença indiciada do Outro no discurso de tal forma que notamos a presença de conceitos científicos.

Acreditamos que esta postura vai ao encontro dos pressupostos do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Tal como preconizado por Ginzburg (1989), de modo contrário às ciências positivistas, na postura indiciária o pesquisador encontra uma pista, um indício, um aporte interpretativo a partir do qual levanta algumas hipóteses num movimento de retorno ao “já sabido” e às hipóteses iniciais. O caráter venatório deste movimento impõe um retorno ao passado, bem como uma espécie de escavação, de abertura de elementos mais profundos, não visíveis diretamente e que mantém afinidades com o trabalho do psicanalista.

Conforme Tfouni (1992), esta postura permite ao pesquisador interpretar “dados” que, na realidade, são pistas e indícios que levam à escrita da análise e à divulgação dos resultados para um lugar de tomada de posição, a qual é decorrente da própria formação do *corpus*; que, por sua vez, já se desenha como análise nos primeiros momentos de escolha e de tomada de assaltos dos fragmentos (recortes) a serem analisados.

Concentramos nossa análise em seções de jornais, *sites* e revistas não especializados em ciência. Nosso objetivo foi justamente investigar de que maneira o aparecimento velado, oculto, disfarçado de conceitos científicos ou de neologismos ou nomeações marcadas por conceitos científicos contribuía para assinalar um determinado ritmo à escrita jornalística.

Em suma, do estranhamento vindo da detecção de marcas de conceitos à superfície da impessoalidade do discurso jornalístico imbricado com o científico, partimos como analistas (pesquisadores) às marcas e às condições de produção, junto do pressuposto de que o sujeito-leitor está numa dimensão do não saber acerca dos enunciados (modo pelo

qual se articulam, arranjam lugares do já dito). Em busca de “dados”, indícios colocados entre a questão do analista, o “objeto” e a construção de referências para a análise, organizados na forma de recortes, ou seja, de unidades de sentido (cf. ORLANDI, 1996).

#### 4 ANÁLISE DO *CORPUS*

Em uma das reportagens da Revista Veja aqui analisadas, notamos a presença de conceitos da Psicologia e da Psicanálise que, sem uso de aspas, foram evocados como se o sujeito-jornalista construísse uma familiaridade com o leitor. Esta familiaridade se supõe conquistada por uma manobra interpretativa, um contorno, que o desvencilha de ter que explicar o conceito em questão ao leitor. Passamos inicialmente à análise destes recortes destacados.

Recorte 1 - “Além disso, como o conhecimento prévio do aluno altera o seu desempenho, é necessário isolar esse efeito, pois queremos medir apenas a influência do professor. Mas há como lidar com isso” (p. 28. Edição Veja 2472, ano 49, n. 14, de 6/4/2016; “Impeachment para professores?”, destaque sublinhado nosso).

Recorte 2 - “No século XX, surge a tendência de tentar explicar sua pintura por um prisma psicanalítico. Bosch seria um reprimido que só pensava em sexo” (Em “Delírios de Grêmio”, p. 101. Edição Veja 2472, ano 49, n. 14, de 6/4/2016, destaques sublinhados nossos).

Vemos, em destaque, pontos cruciais destes recortes. No primeiro recorte, o conceito científico em questão (“conhecimento prévio”) não aparece destacado. É sabido que o conceito de “conhecimento prévio” faz parte do campo conceitual da Psicologia Cognitiva e é, sobretudo, utilizado na educação escolar.

A este respeito, há uma assertiva no primeiro recorte: “o conhecimento prévio do aluno altera o seu desempenho”, porém não se faz menção aos autores que discutem esta questão no âmbito científico.

Em seguida, afirma-se que “é necessário isolar esse efeito”. No entanto, sem se atestar esta possibilidade, o autor faz funcionar uma espécie de fronteira entre um argumento científico, mas sem a necessidade imperativa de se “provar” cientificamente a afirmação. A resposta (solução) aparece mencionada sem, no entanto, ter se estabelecido uma fundamentação científica para tal (“mas há como lidar com isso”).

Notamos, também, uma marca de heterogeneidade mostrada não marcada (cf. AUTHIER-REVUZ, 1982) do conceito “conhecimento prévio”. Estamos tratando de um indício entre duas vírgulas, mas que se destaca por não ser qualquer marca. É o conhecimento científico, mobilizado para assinalar um ritmo da escrita que, conforme Chacon (1998), pode ser sugerido por sinais de pontuação.

No segundo recorte, os conceitos científicos em questão são: repressão e sexualidade; é o que se pode depreender pelo fragmento linguístico: “reprimido que só pensava em sexo”. Implicitamente os conceitos de repressão e de sexo são remetidos à Psicanálise, e que aparecem de modo mais destacado, uma vez que ancorados na menção ao “prisma psicanalítico”<sup>7</sup>; há o uso do verbo na condicional (“seria”); o aporte científico é denominado “tendência”, o que chama a atenção, pois “tendência” permite um arranjo semântico mais afim a outros campos do conhecimento, como a Psicologia, do que à Psicanálise.

Embora a Psicanálise não se enquadre no paradigma galileano cartesiano da ciência dominante, seu viés científico não se reduz a tendências, mas pode ser entendido por meio de escolas e de sistemas de pensamento fundamentados em aportes científicos diversos. Mesmo assim, há uma redução do aporte psicanalítico às questões de sexualidade e de repressão, de tal sorte que tentam criar um efeito de familiaridade com o sujeito-leitor.

---

<sup>7</sup> Não vamos nos deter à complexa discussão sobre qual é a natureza científica do conhecimento e da prática Psicanalítica.

Para retomarmos estes aspectos da análise e nos aprofundarmos nas questões aqui trazidas, precisamos responder: de modo geral, qual o sentido que o discurso científico sustenta sobre “conhecimento prévio” e “repressão” e “sexualidade”? O primeiro vem da Psicologia Cognitiva. O segundo, por sua vez, transita entre a Medicina, a Psicologia e a Psicanálise. Chama a atenção uma posição do sujeito do discurso que parece desobrigar-se de explicar os complexos meandros de questões científicas, que são polêmicas por excelência. Tal como ali são tratadas, estas questões parecem esvair a tomada de posição do sujeito enunciador, porque aparenta haver consenso entre estas.

No recorte 1, o sentido dominante é que as pesquisas e as teorizações da Psicologia sobre “conhecimento prévio” podem ser entendidas pelo isolamento da “influência do professor” (recorte 1). No recorte 2, o sentido dominante é que a teoria psicanalítica deve ser reduzida ao tema da “repressão sexual”, e a presença na vida de artistas como Bosch (recorte 2).

O modo como ambos os recortes fazem menção a conceitos científicos e a aportes teóricos marca o ritmo da escrita, uma vez que o valor do destaque entre vírgulas (primeiro recorte) ou entre pontos (segundo recorte) não é descaracterizado, mas fica em segundo plano em relação ao destaque conceitual.

É este ato de recorrer ao interdiscurso e que fica disfarçado em relação à marcação mais visível e formal da presença do Outro (o que se obrigaria em um texto científico em detrimento de um texto jornalístico que faz uso de conceitos científicos) que marca decalques, fissuras, e controla o regime de alternância entre um trecho e outro, alternância esta que submete o ritmo da escrita ao valor conceitual em questão.

É esta tentativa de contornar a presença do Outro que nos chamou a atenção em um primeiro momento e que encaminhou a construção da nossa hipótese. Como se nota, não fazemos uma análise reduzida às categorias do discurso direto e indireto.

Moirand (2006) argumenta que a análise dos discursos de vulgarização, pelo simples apontamento dos discursos indiretos e diretos, pode nos limitar mais do que contribuir com um debate mais aprofundado sobre a análise da circulação dos discursos tendo as mídias por intermédio. Por isso, articulamos esta análise à questão do poderio do discurso científico e do arranjo rítmico da escrita em uma sociedade letrada. Não basta apontar a marca indireta, mas a que o discurso faz alusão.

Como dissemos, a alusão serve para provocar familiaridade no leitor. No entanto, o discurso da imprensa lança mão desta estratégia em materialidades mais “subjetivadas” (expressão de MOIRAND, 2007), tais como editoriais e comentários. Deste modo, a citação explícita passa para a camuflagem de que depende a alusão. Assim a autora comenta: “[...] a alusão é ‘requerida’, como diz Authier; ela é também ‘arriscada’ (*ibidem*) porque não se pode dizer que todos os leitores a percebem...”<sup>8</sup> (MOIRAND, 2007, p. 6, tradução livre nossa; aspas e *ibidem* no original).

Atrelada de forma estreita à alusão, a heterogeneidade sugerida (MOIRAND, 2007) não recorre simplesmente às palavras do Outro, mas desloca o “senso comum” (cf. PAVEAU, 2003); no caso, pela intromissão do conhecimento científico. Deste modo, aparece em jogo formas do senso comum com roupagem de discurso científico. Esta estratégia do texto impresso da grande mídia interfere em um ritmo da escrita que retroage com um desnivelamento já existente em uma sociedade letrada.

A partir da detecção destes conceitos que apareciam de forma mais disfarçada e que destacamos a partir da leitura do texto impresso, partimos para a busca na *web* de formas enunciativas que organizassem, sintática e semanticamente, arranjos rítmicos em que a peça-chave, ou seja, o ponto nodal fosse um conceito científico.

---

<sup>8</sup> No original em francês : “[...] l’allusion est “voulue”, comme le dit J. Authier ; elle est aussi « risquée » (*ibidem*) car il n’est pas dit que tous les lecteurs la perçoivent... »

Parafraçando Moirand (2007), não apenas os dizeres portam memória e memória dos acontecimentos, mas a memória das palavras se inscreve em palavras-acontecimentos (*mots-événements*; cf. MOIRAND, 2007) que transportam a memória dos acontecimentos e permitem se situar e tomar posição diante de acontecimentos relatados pela mídia. Podemos acrescentar que o discurso da imprensa também faz uso das palavras-conceito.

Em alguns casos, encontramos conceitos científicos, mas que aparecem envolvidos em uma “nova” nomenclatura. É o caso do recorte abaixo:

Recorte 3 - Em determinados processos seletivos, milhares de pessoas conseguem a classificação e ficam na dúvida se poderão ser chamadas, mesmo que fora do número de vagas iniciais. O advogado comenta que o Supremo Tribunal Federal (STF) já decidiu que os aprovados têm o direito subjetivo até o término da validade do certame, ou seja, a nomeação de quem não está dentro do número de oportunidades ficará a cargo da Administração, mediante a sua necessidade. (<https://jcconcursos.uol.com.br/portal/noticia/concursos/nomeacao-concursos-publicos-66316.html>. Acesso em 4/2/2020)

Uma das interpretações possíveis é que “direito subjetivo” é o direito de cada um: pessoal, particular. No entanto, há um modo do interdiscurso ancorar outro valor semântico neste fragmento, uma vez que a maior instância jurídica do país afirma e ratifica uma conclusão sobre a questão polêmica trazida pelo texto. A afirmação “(STF) já decidiu que os aprovados têm o direito subjetivo” tem valor de premissa maior do silogismo, a saber: “Todos os aprovados têm o direito subjetivo”. No caso, “direito subjetivo” funciona como “objeto” de estudo que marca a disputa pelo sentido. No discurso científico, o “objeto” também tem valor conceitual; no discurso jornalístico, por sua vez, ao retomar o “objeto” conceitual, a polêmica é apagada.

É neste ponto que Bourdieu (2001) pode contribuir ao indicar de que modo a Ciência reflete o apagamento da História de que resulta, por meio de efeitos de dizer sobre si mesma. Em outras palavras, poderíamos cotejar um modo de analisar o que chamamos

aqui de palavra-conceito (no caso, “direito subjetivo”) em seu modo de estabelecer fronteiras e de conduzir um ritmo da escrita. Esta condução que a palavra-conceito oferece ao enunciado de maneira mais ampla e geral parece aprisionar o sujeito em sua condição de intérprete. Com isto, destacamos este uso opaco do conhecimento científico disfarçado pela alusão (AUTHIER-REVUZ, 1998). Nem todos notam estas marcas. O interlocutor é interdito do esclarecimento sobre o que seria “direito subjetivo”.

Este jogo de transparência e de opacidade nos remete à pesquisa de Coracini (2007) sobre a heterogeneidade no discurso científico. A autora sinaliza uma topologia do sujeito da ciência, oscilante entre “todo lugar” e “lugar algum”, em que um tecer da cadeia significante em que no próprio discurso científico há várias vozes discursivas negociadas entre sujeito-enunciador e sujeito-destinatário (que ocupa também o lugar de sujeito-leitor na comunidade científica). No caso, este mecanismo do discurso científico aparece no texto reportagem.

No recorte 4, é evocado o livro “Deus não joga dados”:

Recorte 4 - “No caso de Ávila, foi a Física Quântica, em especial a teoria segundo a qual, na interação com um campo magnético, um elétron adquire diferentes estágios de energia, formando um espectro ou leque que, por Deus não jogar dados com a natureza, deveria ter uma sequência não aleatória” (Revista Veja; edição 2387, ano 47, n. 34, p. 104, Monica Weinberg: um brasileiro no topo do mundo).

Por este uso do nome do livro, vemos que o enunciado em destaque resgata um eixo determinante para o sujeito-leitor, que deveria “saber” do que trata o referido livro. O livro mobiliza implicitamente a teoria da Física Quântica sobre a aquisição por um elétron de diferentes estágios de energia.

Trata-se de um percurso a ser feito pelo sujeito-leitor. Não é tarefa fácil. São vários os conceitos em jogo, a saber: Física Quântica, campo magnético, elétron, estágios de

energia, espectro ou leque, sequência não aleatória. Não é relevante para esta análise se haveria uma escala ou uma gradação de apresentação destes conceitos, em relação a menor ou a maior complexidade. Mais relevante é notar que há uma opacidade, uma indefinição e uma polêmica em torno destes conceitos no próprio campo da Física de onde teriam sido extraídos para o modo pelo qual o sujeito do enunciado estabelece um regime de determinação dos sentidos em torno de “por Deus não jogar dados”.

Poder-se-ia apresentar a seguinte leitura: “por Deus não jogar dados”, nos moldes de X porque Y, temos “sequência não aleatória”, “diferentes estágios de energia”, “campo magnético”, na “Física Quântica”. Ocorre que o sujeito do enunciado não apresenta de que modo estas questões são tratadas no referido livro. Há uma expectativa, no sentido de um lugar do imaginário, de que o sujeito-leitor mobilizaria este lugar do arquivo para definir a máxima X porque Y. A dispersão a ser ocupada em “X” é disfarçada pelo nome do livro. Este efeito da nomeação é o de que um livro que trata de ciência define um eixo distribuidor de sentidos opacos e um ritmo da escrita.

Uma de suas decorrências é o fortalecimento do sujeito da ciência como operador de um regime de transparência e de verdade que não se pauta apenas na legibilidade, mas no modo de engendramento com outros discursos. É o que vemos no último recorte, em que os conceitos de “corrente contínua”, “doenças transmissíveis” e “não combustíveis” aparecem como eixos norteadores da articulação entre “questões públicas”, “público”, “ideias” e “visão do mundo”. Não mais a ciência, mas o discurso jornalístico define as “doenças transmissíveis” por meio de outros conceitos científicos.

Recorte 5 - “o indivíduo que pensa, ou sugere a aplicação de raciocínios lógicos no debate sobre as questões públicas, pode provocar a formação de um tipo de corrente contínua capaz de gerar ideias e outras doenças transmissíveis. É muito mais convincente entupir o público com afirmações não combustíveis aquelas imunes a faíscas e que, assim, não contém o risco de causar mudanças que possam incomodar sua visão do

mundo e da vida” (Revista Veja. Edição 2511, ano 50, n.1, 4/1/2017, autor J. R. Guzzo, “Guerra dos fatos”, p. 98; sublinhados nossos).

Atentemos inicialmente para o uso de uma oração relativa que segmenta o grupo do “indivíduo que pensa” dos demais (os “que não pensam”), que, por sua vez, “sugere a aplicação de raciocínios lógicos”. Podemos recorrer a Pêcheux (1993, 1997a) sobre a ilusão de origem e fonte do sentido do sujeito da ciência.

Há um fortalecimento decorrente destes mecanismos: seja pelas fronteiras sinalizadas e pela força das palavras-conceito, seja pelo mapeamento da interpretação dado pelas “clivagens subterrâneas” (cf. GALLO *et al.*, 2004; PÊCHEUX, 1997b), em função das quais um lugar fundador do discurso científico mobiliza um campo semanticamente estabilizado.

Este lugar é ocultado ao sujeito-leitor, mas aparece sob efeitos de clareza, de evidência. Então, do “sujeito-origem” ao “sujeito-efeito” (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998), o discurso jornalístico fornece a roupagem a partir da qual estes mecanismos do discurso científico se materializam no ritmo da escrita.

Como pudemos observar, trata-se de um recobrimento do imaginário (cf. CORACINI, 2007) que, tal como mobilizado pelo discurso jornalístico, gerencia manobras argumentativas (pelo recobrimento de conceitos científicos) em que a sobreposição de “camadas” do dizer captura o sujeito-leitor em um ritmo da escrita cuja força e poder se pautam justamente no efeito de sentido transparente veiculado pela imprensa escrita e pela grande mídia como ciência vulgarizada (AUTHIER-REVUZ, 1985).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos-reportagens analisados veiculam de forma não explícita (e não marcada) o conhecimento científico. Esta forma específica de aparecimento do Outro constitutivo

(no sentido de AUTHIER-REVUZ, 1998) sinaliza que o discurso científico circula no cotidiano, incluindo a materialidade analisada. A análise em questão mostra que podemos recuperar conceitos científicos que aparecem de forma disfarçada no texto jornalístico.

Esta presença velada, disfarçada, indica um ritmo da escrita que fortalece o discurso científico. Isto porque impõe ao sujeito-leitor um lugar construído de suposto domínio do conhecimento em questão. Deste modo, foi possível indicar uma das estratégias utilizadas pela mídia contemporânea na produção de asserções que ofereceriam ao sujeito o refúgio nas “certezas” do discurso científico, mesmo que em um universo marcado por incertezas.

Ao apresentar conceitos de forma sutil, ao mascarar a dúvida e disfarçar as incertezas constitutivas do conhecimento científico, o texto jornalístico faz uso de um ritmo da escrita e de zonas de tensão que aparentam clareza e linearidade. Ao fazer uso deste campo de manobras enunciativas, opera em um lugar do imaginário que despreza a voz do Outro. Deste modo, fomenta a distribuição desigual do conhecimento em uma sociedade letrada. Outro caminho possível para dar continuidade a esta investigação seria a análise da presença de conceitos científicos em textos e reportagens veiculados na imprensa especializada em ciência.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV**, Paris, p. 91-151, 1982.

AUTHIER-REVUZ, J. Dialogisme et vulgarisation scientifique. **DISCOSS**, n. 1, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Tradução de Cláudia Pfeiffer *et al.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Aux risques de l'allusion. **L'allusion dans la littérature**, Paris, Presses universitaires de Paris Sorbonne, p. 209-235, 2000.

AUTHIER-REVUZ, J. Du Dire “en plus”: dédoublement réflexif et ajout sur la chaîne. **Figures d'ajout- phrase, texte, écriture** (J. Authier-Revuz, M.C. Lala, eds.), Presses de la Sorbonne Nouvelle, p. 147-167, 2002.

BELINTANE, C. Vozes da escrita: entre crianças e menestrelis. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v.1, p. 36-51, 2008.

BOURDIEU, P. **Science de la science et la réflexivité**. Paris: Éditions raisons d’agir, 2001.

CHACON, L. **Ritmo da escrita**: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo/SP: Martins Fontes, 1998.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. 2. ed. Campinas/SP: Pontes Editora, 2007.

FONTENELE, L. **A interpretação**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 2002.

GALLO, S. L.; FLORES, G. B.; PINOTI, A.; SOUZA, C. R. Ler o arquivo hoje. *In: I Seminário de Estudos em Análise do Discurso*, 2004, Porto Alegre. CDROOM do I Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS - Instituto de Letras, 2004. v. 1.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e História. São Paulo/SP: Cia. das Letras, 1989.

GUILHAUMOU, J. *Le corpus* en Analyse du Discours: perspective historique. **Corpus et recherches linguistiques**, 1-20, 1/2002.

HENRY, P. **A Ferramenta Imperfeita**: Língua, Sujeito e Discurso. Tradução de Maria Fausta Pereira de Castro. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

MOIRAND, S. Entre discours et mémoire: le dialogisme à l’épreuve de la presse ordinaire. **Travaux neuchâtelois de linguistique**, 44, 39-55, 2006.

MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l’allusion dans la presse. **CORELA** [En ligne], HS-6 | 2007, mis en ligne le 01 novembre 2007, consulté le 01 juin 2017. URL: <http://corela.revues.org/1567>; DOI: 10.4000/corela.1567.

ORLANDI, E. P. Discurso: fato, dado, exterioridade. *In: CASTRO, M. F. P. (org.). O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 1996. p. 209-219.

PAVEAU, M-A. Les passages du sens commun. *In: Martin, S. (org.). Chercher les passages*. Mélanges Daniel Delas. Paris: L’Hartmann, 2003. p. 107-113.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas/SP: UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: Estrutura ou acontecimento? Campinas: Pontes, 1997a.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, E. P. (org.), **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas/SP: UNICAMP, 1997b. p. 52-64.

ROSIER, F. Entre poétique et politique. *In*: ROSIER, F. **Le discours rapporté**: histoire, théories, pratiques. Bruxelles/Duculot: ChampsLinguistiques, 1999. p. 15-18.

TFOUNI, L.V. O dado como indício e a contextualização do(a) pesquisador (a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. **DELTA**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 205-223, 1992.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo/SP: Cortez, 2010.

RECEBIDO EM: 21 de julho de 2020

ACEITO EM: 15 de março de 2021

Publicado em junho de 2021